

Conclusões: O desbridamento mecânico apresentou-se como eficaz na redução da contaminação bacteriana da cavidade oral em pacientes com periodontite crônica, e o bacterial counter foi capaz de quantificar as alterações verificadas.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.10.124>

#128. Obesidade infantil e saúde oral – estudo piloto



Ana Marta Fidalgo*, Joana Leonor Pereira,
Ana Daniela Soares, Raquel Soares,
Sara Rosa, Ana Luísa Costa

Área de Medicina Dentária, Faculdade de
Medicina, Universidade de Coimbra, Serviço de
Pediatria Ambulatória, Hospital Pediátrico –
Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

Objetivos: A relação potencial entre a obesidade infantil (OI) e a patologia oral tem sido crescentemente explorada, atendendo à eventual partilha de fatores de risco e ao impacto que assumem na saúde e qualidade de vida das crianças afetadas. Este estudo piloto visou caracterizar o estado de saúde oral de um grupo de crianças obesas, acompanhado na consulta de Pediatria Geral do Hospital Pediátrico do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, bem como aplicar um questionário relativo aos seus hábitos alimentares e de higiene oral.

Materiais e métodos: Salvaguardando todos os princípios e requisitos éticos, o exame intraoral conduzido na amostra (n=20) seguiu as normas da Organização Mundial de Saúde e o diagnóstico de cárie dentária foi efetuado de acordo com os critérios do International Caries Detection and Assessment System II. Foi aplicado um inquérito aos pais/tutores legais composto por 10 perguntas de escolha múltipla e um formulário de frequência alimentar. Os resultados obtidos foram sujeitos a análise estatística descritiva.

Resultados: Na amostra deste estudo, verificou-se um índice CPOD/cpod de 1,5-1,51/2,08-2,57 nas crianças em fase mista da dentição e um índice CPOD de 2,13-1,64; a prevalência de cárie na amostra foi de 90%. A ingestão de produtos de confeitaria (bolos, bolachas, entre outros) revelou-se frequente, com uma percentagem relevante de crianças a ingerir este tipo de alimentos semanalmente (25%) e, inclusivamente, 2-3 vezes por semana (35%), e cerca de 50% dos participantes revelou o hábito de realizar refeições intermediárias. Cerca de 50% referiu ingerir alimentos ou bebidas na cama, sem posterior escovagem dentária. Embora 55% das crianças escove os dentes 2 ou mais vezes por dia, 45% não realiza escovagem noturna.

Conclusões: Atendendo às limitações e condições específicas deste estudo piloto, foi possível constatar que na amostra de crianças obesas apresentou uma prevalência de cárie dentária elevada e os participantes revelaram ter por hábito a ingestão de alimentos com elevado potencial cariogénico com frequência. Paralelamente, a ingestão de alimentos ou bebidas na cama, sem posterior escovagem dentária, constituiu um padrão dietético reportado.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.10.125>

#129. Controlo de comportamento odontopediátrico recorrendo à realidade virtual



David Almeida*, Ana Sofia Coelho,
Ana Norton, Ana Paula Macedo,
David Casimiro de Andrade, Cristina Areias

Faculdade de Medicina Dentária, Universidade
do Porto

Objetivos: Verificar se a distração visual com vídeos apelativos a crianças, através da utilização de óculos 3D, consegue diminuir os níveis de ansiedade tão típicos em consultas de odontopediatria. É ainda objetivo verificar se é possível aumentar o nível de cooperação durante os tratamentos.

Materiais e métodos: Este estudo incluiu 15 doentes, com idades compreendidas entre os 8-12 anos, observados na consulta de Odontopediatria da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto. No início de cada consulta foi realizado o questionário «Face version of the Modified Child Dental Anxiety Scale», de modo a avaliar o grau de ansiedade de cada doente. Após o questionário, foram realizados os tratamentos com e sem os óculos 3D. Todas as crianças foram sujeitas a 2 tratamentos, sendo que num deles utilizaram óculos 3D e noutra não. A decisão de utilizar ou não os óculos 3D na primeira consulta foi arbitrária para todos os doentes. Os 2 tratamentos de cada criança foram realizados em dias diferentes. No final, com um questionário clínico, comparou-se o comportamento e o grau de ansiedade após cada uma das situações. Foi ainda aplicado um questionário aos médicos dentistas que realizaram o atendimento das crianças, de forma a avaliar as suas opiniões relativamente à inclusão dos óculos 3D nas consultas de odontopediatria.

Resultados: Os doentes tinham uma média de 9,2 anos, sendo que 53% eram do sexo feminino e 47% do sexo masculino. Em 77,33% das crianças verificou-se uma melhoria do comportamento e dos níveis de ansiedade com a utilização dos óculos 3D. Adicionalmente, 80% os médicos dentistas não consideraram que o uso dos óculos 3D prejudicasse o atendimento dos doentes, o que torna este método de distração apelativo. Cem por cento dos médicos dentistas que atenderam as crianças enquanto estas utilizavam os óculos 3D consideraram que estes seriam uma mais-valia para a prática clínica.

Conclusões: A utilização de óculos 3D na consulta de odontopediatria pode favorecer a diminuição do grau de ansiedade, bem como aumentar a cooperação por parte dos doentes. São necessários mais estudos, que incluam amostras maiores, de forma a confirmar os resultados obtidos e a facilitar a integração destes equipamentos nas consultas de odontopediatria.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.10.126>